

DISTÚRBIOS DE LEITURA E ESCRITA: UM ENFOQUE CENTRADO NA IDENTIDADE

Mariângela Zulian
FONOAUDIÓLOGA

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise da relação entre a emoção e o desempenho escolar, enfatizando a influência da formação de uma auto-estima positiva e/ou negativa no desenvolvimento adequado do processo de alfabetização. Referindo-se aos distúrbios de leitura e escrita, propõe uma forma de atuação terapêutica centrada na identidade.

Abstract

The objective of this article is to analyse the relation between the emotion and the scholar development, emphasizing the influency of a positive or negative self-image on an accurate development on the process of alphabetization. Concerning to the disturbances of writing and reading the article proposes a kind of therapeutics action centered on identity.

A idéia de escrever esse trabalho surgiu a partir dos estudos e discussões sobre o desenvolvimento da linguagem e da gagueira em grupo de estudos supervisionado por Silvia Friedman.

A partir desses estudos, à luz do materialismo dialético, tornou-se possível uma melhor compreensão do desenvolvimento da consciência no homem e, por conseguinte, entender as suas possibilidades de atuação no seu meio social em função do seu processo histórico-social particular.

Compreendendo a gênese de alguns problemas desencadeados por padrões de relações de comunicação inadequados, a atuação enquanto terapeuta da comunicação se tornou mais afetiva. Tal compreensão levou a uma mudança de postura também frente a pa-

tologias que se nos apresentam a visão histórico-social, facilitando assim o caminho para encontrar as soluções para cada caso.

Enfocando os distúrbios de leitura e escrita, muitas dúvidas se esclarecem, e por entender que a preocupação para solucioná-las é também de outros profissionais que se envolvem com crianças portadoras destes distúrbios, espero poder contribuir com esse estudo para que algum caminho se abra.

Muito se tem discutido a respeito dos envolvimento emocional nos distúrbios de aprendizagem, mais especificamente no aprendizado da leitura e escrita, referindo-se normalmente como causas 'distúrbios na personalidade' relacionados a desordens na estrutura da família. Embora isso seja importante, ainda ficam dúvidas em muitos casos a respeito dos 'porquês' das dificuldades, e professores, psicólogos, fonoaudiólogos e os próprios pais se encontram numa situação difícil: como ajudar essas crianças?

Talvez a saída possa ser encontrada na busca de uma melhor compreensão sobre como essa criança vem se desenvolvendo, como é formada a sua identidade e como as emoções estão presentes nesse processo; olhar a criança como ser social que é, chegando na escola já socializada pela família, surpreendendo pais e professores com a sua relativa incompetência escolar contrastante a sua competência em outras atividades.

Ao situar essa problemática numa visão materialista histórica, que entende a relação entre o homem e o meio social em seu processo de mútuas determinações, podemos focar como aquele vive as suas dificuldades no seu meio e tornar possível repensar a questão das opções oferecidas dentro das escolas e dos apoios extra-aula que têm como objetivo ajudar essas crianças.

Para efeitos de comparação, vemos que numa visão positivista essas crianças têm sido rotuladas e estigmatizadas de várias formas: 'criança problema', 'preguiçosa', 'imatura'. Isso se complica ainda mais quando há realmente uma dislexia, ou seja, alterações perceptuais que prejudicam o desenvolvimento da alfabetização.

Temos acompanhado o esforço de professores, pais e reeducadores na tentativa de fazer com que essas crianças acompanhem o ritmo imposto à classe, aprendam, dentro do que se julga ser o padrão normal, e se empenhem em fazer suas lições com motivação e competência. No entanto, queixam-se de ser esta uma tarefa difícil. Fica difícil realmente, se tentarmos dar essa ajuda olhando primeiramente os erros da criança e se limitarmos-nos a ver a aprendizagem como um processo mecânico, sem relacioná-la ao conteúdo ideológico e emocional que ela veicula.

Tenho levantando esse questionamento a partir da minha experiência profissional,

como fonoaudióloga, convivendo com algumas dessas crianças, podendo analisar o processo pelo qual passam, mantendo contato com os professores.

Considerações Sobre a Formação da Identidade

A criança vem ao mundo com seu potencial psicobiológico para ser desenvolvido e é sempre no seio do convívio social que isso se dará. O meio social, por sua vez, já está pronto, institucionalizado. Os padrões, os valores já estão cristalizados e serão mediados para a criança pelos outros que a cercam.

Entre esses outros, os pais, conforme podemos observar, em algum grau sempre vivem toda uma expectativa, projetando, *a priori*, como seus filhos deveriam ser. Isso faz com que o processo de determinação da identidade da pessoa se inicie muitas vezes antes mesmo do seu nascimento.

Para entendermos o que é identidade não devemos olhá-la como algo dado, estático, o que freqüentemente ocorre. A identidade se desenvolve num processo inscrito na dialética entre o indivíduo e a sociedade. Ela se processa na dinâmica das interações sociais, a partir das possibilidades de atividade do indivíduo sobre o meio e do conseqüente desenvolvimento da sua consciência ou representação mental do mundo que o cerca.

Não podendo ser considerado como algo estático, o indivíduo é aquilo que faz, assumindo na vida papéis de acordo com as determinações de sua atividade.

O primeiro papel é o de filho, que ele já adquire antes mesmo de nascer.

Se pensarmos a respeito do nome que cada um recebe, veremos que ele é um dos elementos que compõem a identidade. Primeiramente, nós somos chamados pelo nome, e à medida que adquirimos consciência de nós mesmos é que começamos a nos chamar, a nos representar por esse nome.

Nos primeiros anos da vida, a atuação que a criança tem sobre o meio é interpretada dentro dos significados sociais já existentes, produzidos historicamente, sendo transformada pelas relações de comunicação vividas.

Sua atuação e transformação podem ser vistas, por exemplo, a partir dos comportamentos naturais dos recém-nascidos, que ocorrem em função das sensações de bem-estar e mal-estar por ele vividas, as quais vão sofrendo um processo de condicionamento de acordo com os valores assumidos pelas pessoas responsáveis por ele. Podemos citar os espasmos musculares de fome que provocam o choro, que é uma reação provocada por esti-

mulações orgânicas sentidas, com o objetivo de modificar o seu próprio corpo em busca de bem-estar. Os adultos, dando o seu significado a esses comportamentos, os condicionam de modo que, antes do fim do primeiro ano de vida, os mesmos espasmos não o levam mais a chorar.

É através das reações motoras que as emoções se exteriorizam e tomam um caráter expressivo que pode logo ser interpretado pelo ambiente e sofrer em troca a influência deste.

Dentro desse processo a criança vai recebendo informações, conscientizando-se do mundo que a rodeia e atuando sobre ele de acordo com o que recebe.

Desde o nascimento fica clara a importância da linguagem no desenvolvimento, pois é através das relações de comunicação que são passados os significados, os valores do grupo, das quais a criança se apropria, ou seja, toda a ideologia do grupo é imposta à criança e ao se apropriar dela, agindo de acordo com ela, a criança se torna um membro do grupo.

Os adultos são os porta-vozes desse mundo pronto e vão atuar de forma especial na formação da criança na medida em que esta depende biológica e afetivamente deles.

Eles têm os significados das coisas e dos comportamentos e a criança no convívio com eles vai se apropriando desses significados. Vai formando a sua visão de mundo, a qual implica também a tomada de consciência desses outros e concomitantemente de si mesma.

Esse processo pode ser visto como formação de uma imagem, uma representação mental de si, ou da identidade que é passível de ser traduzida pela linguagem articulada.

Na medida em que reproduz adequadamente os modelos da família, vai sendo reconhecida como membro adequado da sociedade. Assim, a criança vai se identificando e se diferenciando dos outros significativos, pais parentes etc., como igual em certos aspectos e diferente em outros, envolvida por uma relação afetiva intensa e necessária para que isso ocorra.

Conhecendo as coisas do mundo com seus valores, a criança vai se tornando consciente do seu mundo e de si mesma, estabelecendo relações entre situações e significados, estabelecendo sua rede de representação social.

No processo de representar o mundo, que é ao mesmo tempo o processo de representar a si mesma, a imagem que forma de si pode ser positiva ou negativa em um ou vários aspectos, dependendo do padrão das relações que ela vive, de se enquadrar ou não dentro dos diversos aspectos da ideologia que a determina, fato que lhe será mostrado pelas atitudes dos outros significativos em relação a ela.

Assim, a formação da auto-imagem ou representação de si depende grandemente das relações sociais e da ideologia do grupo em que a criança vive, que é mediatizada primeiramente pela família, através das atividades práticas e da linguagem.

A auto-imagem que é determinada pela atividade do indivíduo ao longo do tempo, também vai definindo, condicionando, a sua atividade no grupo, determinando as posturas que ele assume nas diversas situações que vive. Por exemplo: a pessoa que acredita ser corajosa ou outra que se acredita medrosa, recebeu esse rótulo e normalmente tenderá a atuar de acordo com ele. Isso vai compondo e repondo essa identidade através das relações de comunicação.

A auto-imagem também influenciará o desempenho nos trabalhos que a pessoa realiza. Se ela se acha capaz de desempenhar um determinado trabalho e atua com segurança, a possibilidade de acerto é muito grande. Se, ao contrário, a sua atividade é acompanhada de emoções negativas, ou insegurança, essas lhe impedirão movimentos e uma ação eficaz.

Muitas vezes, as relações com o grupo podem desenvolver uma representação falsa da realidade, gerando também pensamentos falsos sobre a mesma, que irão atingir diretamente o desempenho da pessoa sobre a realidade. Esse seria o caso da formação de uma auto-imagem negativa em relação a uma atividade para a qual a pessoa é competente.

Tal representação pode se iniciar nas primeiras experiências sociais do indivíduo, que é com a família, primeiro agente socializador.

Durante esse processo, que é chamado de socialização primária, a única realidade possível para a criança é a realidade dos pais, pois ela não tem ainda parâmetros de comparação e crítica.

Os valores que lhe são mediados em circunstâncias que, conforme vimos, envolvem dependência biológica e são, por isso mesmo, carregados de emoção, assumem características de universais.

Entre tantos valores, um deles é a importância de se ir à escola, de aprender a ler e escrever.

A escola nesse período é um exemplo de uma outra forma de socialização, à qual chamamos socialização secundária. Trata-se da participação do indivíduo, que já passou pela socialização primária, em outros grupos, que como todos, também possuem princípios ideológicos, normas e valores e que, portanto, também envolvem o fluir de cargas afetivas diversas, com a atenuante de que, via de regra, a criança não depende biologicamente de tais grupos.

A partir das relações dentro de diversos grupos surge a possibilidade de questionamentos e de mudança de pensamento, o que propicia transformações na atividade. Deste modo, a identidade do indivíduo pode se transformar ao longo de sua vida, pois em cada novo universo de significados a realidade pode ser reinterpretada de formas diferentes.

Portanto, a identidade está se formando/transformando sempre, no seio das relações sociais, determinando e sendo determinada por transformações na atividade e na consciência global do indivíduo.

Por essa dependência entre movimentos de consciência do indivíduo e sua atividade prática, a identidade depende do próprio grupo para sua conservação. Por exemplo: a identidade do professor só é confirmada diante de alunos, e a identidade de aluno só é confirmada diante do professor.

A qualidade de 'bom' ou 'mau' da identidade depende da relação entre princípios ideológicos do grupo a que o indivíduo pertence e sua ação sobre o mundo.

Concluindo, podemos dizer que, se a primeira socialização pode desenvolver uma representação verdadeira ou falsa de si e da realidade, a segunda socialização, que pode ser a escola, processos terapêuticos, ou outros grupos de que a pessoa participe, contém em germe a possibilidade de desenvolver uma representação nova, melhor e mais verdadeira de si e da realidade.

O Significado de ir para a Escola – A Ideologia e as Expectativas

Partindo do ponto de que, embora obviamente a criança não seja simplesmente passiva no processo de socialização, são os adultos que estabelecem as regras do 'jogo' e que no processo de apreensão do mundo, interiorização, não só compreende esse mundo, mas passa a ser o seu próprio mundo, vemos que o estar na escola, aprender a ler e escrever se torna um objetivo muito importante. Podemos constatar isso na maioria das crianças em início de escolaridade.

Na socialização primária o valor e a importância da escola é uma realidade apresentada e imposta à criança pelos outros significados, que ela assume como sendo a sua realidade também.

Mesmo que a capacidade de se alfabetizar não seja a sua aptidão maior, a criança é levada a tomá-la como importante, porque esse é um processo pelo qual ela tem que passar para ser um membro adequado do seu grupo e a sua identificação com o meio é uma necessidade e um desejo.

Analisemos, agora, a discussão muito importante que José Carlos Libâneo coloca sobre o valor da escola na atual sociedade capitalista, citando o individualismo na pedagogia:

A descoberta da criança como personalidade livre e autônoma, que na concepção liberal da sociedade capitalista corresponde à livre iniciativa

individual, marcou uma concepção pedagógica inteiramente voltada para a criança, reduzindo o papel do professor e dos programas escolares.

A 'pedagogia nova', revolucionária, acreditando na criança como um ser pleno para sua auto-realização, a pedagogia piagetiana, enfocando a importância grande do ambiente no desenvolvimento intelectual da criança, e a psicologia analítica, enfocando o aspecto biológico, esquecem de considerar as condições histórico-sociais do desenvolvimento da criança, o processo de formação de sua identidade ou consciência de si como integrante de uma atividade, cujo valor foi mediatizado pelo seu grupo, na qual ela passa a ter uma responsabilidade grande pelo seu próprio desempenho.

A educação é uma atividade externa e podemos afirmar que é uma atividade forçada, à medida que obedece a regras que nem sempre estão de acordo com o modo específico de aprender de cada indivíduo, além de, dentro de nossa ideologia, ser imposta ao indivíduo no decorrer do seu desenvolvimento.

Sabe-se que a socialização é um processo iniciado antes do nascimento, que a criança não passa primeiro por um estágio individual para depois se socializar, que a identidade está sempre se concretizando através do conjunto de suas atividades práticas e suas relações interpessoais e que os conhecimentos e valores recebidos dos outros significativos durante a socialização primária se enraizam no indivíduo marcando-o profundamente por toda a carga afetiva que ela comporta, determinando comportamentos que se condicionam e automatizam ao longo do seu desenvolvimento.

Quando, então, uma criança chega à escola alfabetizante, pressupõe-se que ela esteja pronta, dentro dos padrões de normalidade, para ser alfabetizada.

Corresponder a essa exigência, porém, nem sempre é possível, pois nem todas as crianças estão prontas para isso na idade pressuposta. Sem considerarmos na presente análise os casos de reais problemas orgânicos, temos que algumas crianças não tiveram toda a estimulação necessária e adequada para desenvolver a capacidade de serem alfabetizadas no período que é socialmente padronizado como adequado.

Chegando na escola, a criança é apresentada a um grupo, com normas, regras e valores prontos, ou seja, um esquema já montado, como sempre tem sido a sua participação no mundo, desde o seu nascimento. E para ser parte desse grupo deve atuar dentro dessas regras e desses padrões já estabelecidos, senão será considerada marginal.

Mas, e se a criança não estiver pronta?

O esquema pronto reduz, achata as relações sociais carentes de estimulação adequada vividas pela criança, criando nela uma incapacidade de corresponder às exigências. In-

capacidade que passa a ser encarada como uma deficiência sua, uma responsabilidade sua.

Escapa aos socializadores, que esta criança tem se esforçado ao máximo para estar dentro desses padrões, porque sendo um ser social o desenvolvimento da sua identidade implica identificar-se com o adulto, querer dominar o que o adulto domina, tornando-se ao mesmo tempo alguém distinto dos outros pela sua maneira peculiar de dominar as coisas e igual aos outros enquanto ser humano.

O esforço para corresponder às exigências e a falta de condições para fazê-lo, obviamente criam uma situação de conflito na qual emoções negativas se associam às tentativas de aprender, às situações de aprendizagem na escola que não correspondem às reais necessidades da criança.

Isto, por sua vez, determina na criança a criação de uma imagem de si como incapaz, incompetente, mau aluno, que influi nas suas atividades de aprendizagem, dificultando-as cada vez mais.

A partir daí, torna-se claro que é importante que se tente dar espaço à espontaneidade e à criatividade da criança. Mas, raramente, dentro de um processo escolar ou familiar se questiona qual a representação que a criança faz de si mesma diante de tanta responsabilidade.

Ora, se como vimos a representação de si torna-se intrinsecamente ligada à capacidade de aprender, dar espaço para a espontaneidade e criatividade apenas, pode não ser suficiente para resolver o problema. É preciso, sim, reestruturar a auto-imagem para que a criança possa assumir as responsabilidades que se lhe atribuem.

Na ausência de tal perspectiva, dentro das 'escolas democráticas', há a criação de classes de apoio, onde crianças com dificuldades são obrigadas a cumprir um determinado currículo que 'com certeza', pensa-se, vai suprir as falhas de um sistema que tenta manter classes homogêneas contando com um professor mal preparado para lidar com problemas de aprendizagem. O que só faz colaborar para o agravamento do problema, e, longe de solucionar a dificuldade da criança, acaba por estigmatizá-la como 'uma criança atrasada na escola', o que se perpetua nas classes de apoio, perpetuando a sua marginalização, mostrando o processo das relações grupais, criando e confirmando sua identidade.

Sendo a escola um agente socializador e sendo que a socialização implica a transmissão de valores, adequando o indivíduo aos princípios ideológicos do grupo, o fato de frequentar uma classe especial chega à criança como um fator marginalizante, um fator que destaca a incapacidade de estar adequadamente dentro do que os outros consideram ser o seu grupo, de ter o desempenho esperado pelos pais e professores para frequentar o que se considera uma classe normal.

Para dar coerência ao seu modo de socialização, pais e professores acreditam que é preciso que se unam para que essas crianças se desliguem do mundo da distração e da brincadeira, a fim de entrar no mundo da alfabetização. Agindo dessa forma, porém, estão novamente impondo à criança uma ideologia do mundo adulto, alienados da realidade de que aprender pode e deve ser lúdico, ainda mais quando a criança tem dificuldades; alienados do fato de que agindo dessa forma estarão apenas criando condições para a formação da auto-imagem de 'incompetência', que perpetua a forma de atuação 'incompetente'.

Com isso, podemos agora formar um quadro das conseqüências geradas pela imposição de um padrão ideológico de aprendizagem inadequado.

Para entender um pouco a emoção que envolve esse momento da vida da criança, podemos olhar para nós mesmos, adultos, numa situação difícil, em que nos sentimos inseguros. Essa sensação se reflete num acúmulo de emoções negativas que fatalmente atrapalharão o nosso desempenho, aumentando muito a nossa tensão.

Paradoxalmente, quanto mais nos esforçamos para superar a insegurança, mais a mantemos nos nossos pensamentos, desencadeando emoções negativas e, conseqüentemente, menos desempenho adequado se verifica, o que, por sua vez, reforça a insegurança, formando um círculo vicioso. Se o esforço para ser adequado está alienado das reais condições que exige, ele produz a inadequação e passamos a pensar a respeito de nós mesmos como incapazes de atuar.

Encontramos, nesse ponto, uma relação importante entre os significados de 'o que é ir para a escola' com 'o que sou', 'o que eu posso ser' e com 'o que todos esperam de mim'.

A representação de si que essas crianças alimentam seria, então a de necessidade de um esforço muito grande, talvez além de suas forças, para conseguir o que todos esperam, levando-as a ter pensamentos do tipo: 'eu não consigo', 'não tenho conseguido', 'nunca vou conseguir', 'porque preciso conseguir?'. Isso as leva para a desmotivação e, portanto, para uma consagração cada vez maior da marginalização, uma vez que, como vimos, com esses pensamentos e essa emoção negativa a possibilidade de aprender fica prejudicada. Estes fatores, por sua vez, determinam na criança o comportamento de se desviar das atividades escolares, mostrando-se desatenta e até indisciplinada, o que torna cada vez mais difícil a atuação de um professor que não compreende adequadamente a gênese de tais comportamentos.

Temos, assim, uma criança que está dentro do processo de socialização onde não é aceita com as suas possibilidades pelo seu grupo e, conseqüentemente, a partir dessa negação, desenvolve a não aceitação de si mesma, o que determinará a sua identidade e, portanto, a sua atividade futura.

Uma proposta de atuação terapêutica centrada na identidade

Toda uma equipe de profissionais, pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, médicos e fonoaudiólogos, além dos pais, têm estado às voltas com 'crianças-problema', procurando encontrar as causas das dificuldades e melhores métodos para saná-las.

Mas o que se vê com frequência é um eterno *levar a criança ao encontro de seus erros*, procurando mostrar-lhe formas de não cometê-los, sem que os seus acertos ou as suas possibilidades sejam realçadas. Ou seja, um trabalho centrado de incapacidade da criança ressaltando a sua fragilidade e continuando a mantê-la alienada do seu potencial, das suas capacidades.

Mesmo que haja problemas de algum tipo, como os percentuais, por exemplo, que necessitam de um investimento, pouco se faz para que a criança se sinta competente de algum modo e no direito de errar, de não ser um *expert* no assunto.

Mais do que técnicas, consideramos que é importante o tipo de linguagem que se tem usado para comunicar-se com elas.

Se a apropriação do mundo é feita através da linguagem e se as emoções são parte integrante desse processo, fica claro que muito da auto-imagem positiva ou negativa dessa criança vai se formando a partir do que ela tem recebido dos pais e das primeiras experiências na escola.

Quero afirmar com isso uma coisa aparentemente simples e banal, que é muito falada, mas talvez pouco compreendida: a auto-imagem, condição fundamental para desenvolver-se harmoniosamente, está na dependência da auto-aceitação e da aceitação, e isso pode acontecer mesmo em não se estando num padrão nota dez, socialmente estabelecido.

O ser aceito pelos outros e por si mesmo, são, como se sabe, fatores importantes em qualquer atividade humana. O que dizer, então, com relação a essas crianças que estão iniciando uma etapa tão importante quanto a da alfabetização?

Considero que o caminho mais curto para ajudá-las seja dar condições para que essa aceitação ocorra, para que elas possam lidar com suas dificuldades, confiando na possibilidade de tentar de novo, com um mínimo de emoções negativas, que só as levarão a um desempenho pior e ao reforço da sua auto-imagem já tão negativa.

Considero importante repensar as expectativas impostas à crianças no início da etapa escolar, derivadas da forma de desempenho definidas *a priori*; as formas de correção administradas pelos professores, centradas no erro, suas atitudes diante dos erros e acertos dos alunos, reforçando o sentimento de incapacidade e favorecendo a discriminação entre as crianças, a orientação dada aos pais, para que exijam mais dos filhos quando eles não

estão aprendendo como as outras crianças da classe, isto só colaborando para reforçar o problema, já que os pais não sabem como estimular adequadamente a criança.

Se, por um lado, para os pais é muito importante que seu filho seja um ótimo aluno, por outro, normalmente, o processo pelo qual a criança passa para aprender é muito desconhecido.

Esses fatores, como vimos, só colaboram para a criação de sentimentos negativos na criança em relação ao aprender.

Quando essas crianças chegam aos consultórios com e pela expectativa escolar e familiar de resolver as suas incapacidades, normalmente são feitas pesquisas dos 'porquês' psicológicos e/ou orgânicos dessas incapacidades e levantamentos dos erros que elas cometem. A partir daí conforme colocamos anteriormente, os terapeutas trabalham em cima de erros, reforçando a auto-imagem de mau aluno, quando seria fundamental superá-la, propiciando o desenvolvimento da confiança em si necessária à busca de melhores condições para superar os problemas.

Considero que um atendimento feito da forma tradicional aumenta o nível de tensão e a terapia também se torna mais um momento, além da escola, no qual a criança revive a sensação de insegurança e incapacidade.

Normalmente essas crianças não erram em tudo, mesmo porque isso seria impossível, uma vez que todos os indivíduos sempre apresentam algum potencial. Mas, mesmo que a dificuldade seja grande é necessário constituir a base da compreensão de nossos semelhantes e da apreensão do mundo como realidade dotada de sentido. Esta apreensão não resulta de criações autônomas de significado por indivíduos isolados, mas começa com o fato do indivíduo assumir o mundo no qual os outros já vivem.

Tomar consciência crítica da nossa forma peculiar de interiorização desse mundo é o primeiro passo para alcançar a compreensão das formas de interiorização dos outros e detectar não só quando o produto dessa interiorização é favorável ou desfavorável para o desenvolvimento do indivíduo, mas, ainda, quando os padrões de interação vividos estão sendo veículo deste tipo de interiorização.

Deste modo, o terapeuta terá mais condições de planejar intervenções eficientes que ajudarão seus pacientes a resolver seus problemas.

Referências Bibliográficas

- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. (1985). *A construção social da realidade*. Petrópolis.
- CIAMPA, A. C. (1984). *Identidade em psicologia social. O homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense.
- CIAMPA, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina. Um ensaio de psicologia social*. São Paulo, Brasiliense.
- FRIEDMAN, S. & MELO, Y. R. A. S. (1983). *Sobre o desenvolvimento da linguagem e da gagueira*.
- LEONTIEV, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa, Livros Horizonte.
- LIBÂNEO, J. C. (1984). *Psicologia educacional. Uma avaliação crítica em psicologia social, o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense.
- MARTINE, M. (1981). *Teoria das emoções. Introdução à obra de Wallon*. São Paulo, Moraes.
- MIRANDA, M. G. (1984). O processo de socialização na escola. Evolução da condição social da criança. In: _____ . *Psicologia social, o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense.